

Mundo das Aves

Por que as Arapongas somem?

A Mata Atlântica apresenta um formidável gradiente de altitude, com florestas cobrindo desde o nível do mar até mais de dois mil metros de altitude. Existem dezenas de espécies de aves que ocorrem apenas em altitudes muito características, dificilmente encontradas em outros locais. Por outro lado, outras espécies podem ocorrer em diferentes faixas de altitude, dependendo da época do ano ou da frutificação de algumas árvores. A Araponga é um exemplo dessas espécies que fazem a conhecida migração altitudinal, ou seja, o deslocamento sazonal entre distintas faixas de altitude, em busca de alimento ou de locais para reprodução

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

A Mata Atlântica, bioma onde vive mais de 60% da população brasileira, possui uma biodiversidade incrivelmente rica. Essa biodiversidade, que se expressa nas mais diferentes formas de animais e plantas, é responsável pela manutenção do nosso clima, pela qualidade da água, pela nossa alimentação e por tantos outros serviços ecológicos essenciais para a nossa qualidade de vida. Apesar disso, a Mata Atlântica foi reduzida a meros 14% da sua extensão original e, em outros locais, como Alagoas e Pernambuco, ela praticamente desapareceu.

Além da sua enorme biodiversidade, a Mata Atlântica apresenta uma outra característica dificilmente observada em outro lugar do planeta. Desde Santa Catarina até o Rio de Janeiro, um conjunto de serras altas e cobertas de exuberante floresta, conhecida como Serra do Mar, margeia o litoral formando um interessante gradiente de altitudes, coberto por floresta desde o nível do mar até mais de dois mil metros de altitude.

Aves altímetro

Essa característica proporciona condições para uma grande diversidade de tipos de vegetação que, por sua vez, abriga comunidades muito características de aves, com clara preferência por determinada faixa de altitude, por encontrar nela um tipo de alimentação ou determinado material ou local para nidificação, por exemplo. É o caso da Choquinha (*Myrmotherula minor*) e do Sabiá-Pimenta (*Carpornis melanocephala*), que podem ser considerados típicos das baixadas quentes e úmidas, enquanto o Tropeiro-da-Serra (*Lipaugus lanioides*), como o próprio nome sugere, só é visto em áreas de maior altitude. Logo, se você estiver familiarizado com a plumagem e o canto dessas aves,



Sergio Gregorio

Araponga macho: magnífica combinação de cores e canto dos mais poderosos

poderá inferir com razoável grau de segurança a que altitude se encontra na Serra do Mar. Quem imaginaria que aves da Mata Atlântica podem servir de altímetro?

Migrações por faixas de altitude

Mas existem também aves que ocorrem em praticamente todas as faixas alti-

tudiniais, como o Vira-Folhas (*Sclerurus scansor*), da família do João-de-Barro, que percorre o solo da floresta em busca de insetos. E há, ainda, uma terceira e misteriosa categoria que habita as montanhas da Mata Atlântica: a das aves que realizam movimentos sazonais entre as diferentes faixas de altitude da floresta. Por isso, em determinadas épocas do



Foto Marcelo da Costa - Reserva Guaimumbi/ www.reservaguaimumbi.com.br

Araponga fêmea: bem diferente do macho



Roberto Cirino/ www.passarinhando.com.br

Araponga macho filhote: só será todo branco com 3 anos

ano são encontradas em regiões montanhosas e, em outras, nas baixadas ou na meia-encosta.

Canto ensurdecedor nas alturas

Entre as aves migradoras altitudinais se enquadra o destaque da matéria deste mês,

um dos exemplos mais conhecidos da Mata Atlântica e, paradoxalmente, ainda dos menos estudados. Trata-se da Araponga (*Procnias nudicollis*), uma das mais conhecidas representantes da família *Cotingidae* no Brasil (a mesma que engloba os Pavós, Anambés e Galos-da-Serra).

A plumagem imaculadamente branca dos machos contrasta com a garganta verde-escura, numa combinação de cores ao mesmo tempo magnífica e improvável para uma ave que deveria se manter mais camuflada de predadores como gaviões. E, como se essa plumagem chamativa não bastasse, a Araponga é dona de um dos cantos mais poderosos das florestas brasileiras, podendo ser ouvida a distâncias consideráveis. Talvez por causa do seu canto, uma martelada metálica absurdamente alta, a Araponga tenha sido tão severamente capturada – lojistas chegavam a até mesmo utilizar a pobre ave como chamariz para atrair clientes! Hoje em dia é um pouco mais raro observarmos a Araponga sendo mantida ilegalmente em cativeiro, pois o seu canto a denuncia rapidamente às autoridades ambientais, o que aliviou a situação


desse pobre pássaro em muitos locais, mas não em todos, infelizmente.

Silêncio na baixada

Mas voltemos à biologia e aos mistérios da Araponga. Junto com a Jacutinga (*Aburria jacutinga*), entre outras aves, a Araponga é uma das várias espécies que realizam o que chamamos de migração altitudinal, ou seja, é uma das espécies que se movimentam em determinadas estações do ano por diferentes altitudes nas encostas da Serra do Mar. Esse deslocamento é causado tanto pela seleção de áreas para reprodução quanto pela disponibilidade de alimento. Sabemos hoje que frutos como os do palmito ou juçara frutificam em épocas distintas pela encosta da Serra do Mar, fazendo com que as aves que os apreciam acompanhem o seu ritmo de frutificação por todo o gradiente de altitude da Serra. E, melhor ainda, dispersando essas sementes por toda a floresta, renovando-a.

As matas nas altitudes mais elevadas permanecem silenciosas entre março e agosto, e irrompem com a cantoria dos machos das Arapongas logo que começam as chuvas. O barulho ensurdecedor provocado por essas aves nas matas altas da Serra do Mar continua até o final da estação chuvosa, quando a Araponga “some” misteriosamente. Para onde ela vai? Esse é um mistério que tem atormentado muitos ornitólogos que trabalham na Mata Atlântica. O que sabemos é que ela permanece em recatado silêncio e será encontrada nas áreas de baixada, com um comportamento nada expansivo, não lembrando nem de longe a cantoria durante a sua estadia nas montanhas, onde se reproduz.

Bioma complexo

Esse é apenas mais um dos motivos pelos quais não adianta preservar apenas a baixada ou uma encosta de montanha da Mata Atlântica, na vã ilusão de que selecionar apenas uma parte do ecossistema fará com que os seus integrantes sejam preservados. A Mata Atlântica é um bioma extremamente complexo, que evoluiu durante milhões de anos, e esta complexidade ainda guarda muitos segredos. As interações entre as milhares de espécies animais e vegetais ainda estão longe de serem desvendadas e é também por isso que devemos nos esforçar para garantir que o restante deste bioma seja preservado. 

Luís Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.

